

umidade. Era tudo extremamente desagradável, escuro e opaco — tal como eu me sentia então. Mas eu tinha tido uma visão de beleza sobrenatural, e foi por isso que pude viver. Liverpool é a “lagoa da vida”. O “fígado” (*the liver*), de acordo com uma antiga concepção, é a sede da vida — o que “faz viver”.<sup>3</sup>

[Isso] me trouxe um sentido de finalidade. Compreendi que ali tinha sido revelada a meta. Ninguém poderia ir além do centro. O centro é a meta e tudo é encaminhado na sua direção. Graças a esse sonho, compreendi que o self é o princípio e o arquétipo da orientação e do significado. Aí reside a sua função curativa. Para mim, essa introdução significou um acesso ao centro e, conseqüentemente, à meta. Daí emergiu um primeiro vislumbre do meu mito pessoal.<sup>4</sup>

Depois desse sonho, renunciei a desenhar ou a pintar mandalas. O sonho retratou o clímax de todo o processo de desenvolvimento da consciência. Ele me satisfez completamente, pois forneceu um retrato completo da minha situação.<sup>5</sup>

A experiência de Jung faz-me lembrar as palavras de Jesus:

No mundo, tereis tribulações; animai-vos, porém. Eu venci o mundo.<sup>6</sup>

Para mim, essas palavras significam que, depois de derrotas, dificuldades e de muitos anos, tendo obtido uma experiência daquele centro intemporal, tranqüilo, luminescente (que para Jung foi a árvore da magnólia, banhada numa eterna luz), terei então encontrado um porto seguro, eternamente calmo e repousante no qual possa me retirar longe das vicissitudes da luta neste mundo.

Solicitado a indicar a mais importante contribuição de Jung, C. A. Meier, seu colaborador e amigo de longa data, replicou: “A realidade da psique.”<sup>7</sup> Que a psique é tão real quanto o mundo material, tão valiosa e merecedora de atenção quanto o mundo material: eis aí bem resumida a mensagem de Jung. E Jung estava de fato referindo-se à realidade da psique quando disse, seis meses antes de sua morte:

Tive de compreender que era incapaz de fazer as pessoas verem o que eu estou buscando. Estou praticamente sozinho. Há uns poucos que compreendem isto e aquilo, mas quase ninguém vê o conjunto... Falhei na minha tarefa principal: abrir os olhos das pessoas para o fato de que o

homem tem uma alma e de que há um tesouro enterrado no campo, e de que nossa religião e nossa filosofia se encontram num estado lamentável.<sup>8</sup>

## A psique compensa o mundo exterior

A crença na realidade da psique constitui não somente a pedra fundamental da psicologia junguiana como também representa a pedra que os construtores rejeitam, destinada a se tornar a pedra angular da nova religião — a da terceira dispensação, ou dispensação psicológica. Marie-Louise von Franz, analista junguiana, começou uma recente entrevista narrando sua primeira experiência da realidade da psique:

Conheci Jung quando eu tinha dezoito anos, e nessa ocasião ele me contou que uma de suas pacientes tivera uma visão de que estava na Lua, e então o homem da Lua a agarrou com suas asas negras e não a soltou. Compreenda, ela foi possuída por aquela figura negra. E Jung falava como se não se tratasse apenas de uma visão mas como se realmente ela *tivesse* estado na Lua.

De modo que, sendo naturalmente racional, eu me irritei e disse: “Mas ela não estava na Lua de verdade. Foi apenas uma visão.” E Jung olhou seriamente para mim e replicou: “Ela *estava* na Lua.” E eu disse: “Espere aí. Não pode ser. Ela não estava lá em cima.” Apontei para o céu e ele apenas olhou para mim novamente, de uma maneira penetrante e repetiu: “Ela estava na Lua.” Eu então me zanguei e pensei: “Ou este homem é louco ou eu sou uma tola.” E então, aos poucos, comecei a compreender que Jung queria dizer que o que acontece psicologicamente é a realidade *real* — comecei a compreender o seu conceito da realidade da psique. E esta foi uma grande revelação.<sup>9</sup>

Pode alguém imaginar algo mais destituído de valor aos olhos da sociedade moderna que a experiência subjetiva de um ser humano individual? No entanto, sobre esse inauspicioso, rejeitado fundamento, Deus escolheu construir o seu templo.

Entretanto, o “espírito sopra onde quer”<sup>10</sup> e Deus, encarnando na alma da pessoa humana, estaria em harmonia com a tendência primordial de Deus a aparecer no lugar mais humilde, mais inesperado e mais menosprezado, como aconteceu, por exemplo, no nascimento de Cristo num estábulo, ou com a zombaria, “Pode algo de bom sair de Nazaré?”<sup>11</sup> A encarnação de Deus no homem conferiria um valor inaudito a algo que